



O impacto do farmacêutico no PSF

Jaldo de Souza Santos,
Presidente do Conselho Federal de Farmácia

Qualquer que seja a oportunidade e o lugar em que estejamos (nesta revista, em reuniões com autoridades

da saúde e dos legislativos federal, estaduais e municipais, em debates com farmacêuticos e outros profissionais da saúde, nas universidades ou em entrevistas), temos sustentado que a participação do farmacêutico na atenção básica, inclusive no PSF (Programa Saúde da Família) é inquestionavelmente necessária.

Desde que o Programa foi criado, no Governo FHC, tenho levado documentos, números e argumentações aos ministros da Saúde, com o objetivo de lhes informar sobre o assunto. Citei-lhes, e também a outras autoridades, alguns exemplos de erros relacionados a medicamentos, dentro do PSF, decorrentes do inadmissível vácuo de atenção farmacêutica que se criou nas equipes do Programa, por conta da ausência do profissional entendido no assunto.

Recentemente, no meio de uma conversa com um amigo, perguntei-lhe sobre o que achava dos efeitos destas nossas ações contínuas junto às autoridades, em favor da inserção do profissional no PSF, quando ele me respondeu com outra pergunta: "E o senhor, já pensou no que estaria acontecendo, se não fosse este seu empenho?". A pessoa com quem conversava percebeu, longe, os efeitos do nosso esforço, e me disse mais: que tudo o que fizemos veio construir uma opinião positiva, nutrida de informações técnicas e científicas, daquilo que defendemos junto aos nossos interlocutores.

Em abril de 2005, o Ministério da Saúde deu um passo importantíssimo, talvez definitivo, para consolidar a nossa participação na atenção básica. Aquele órgão editou a Portaria número 4, que cria um Gru-

po de Trabalho para elaborar as diretrizes, adequações e articulações para a atividade farmacêutica nesse segmento da saúde. Tomamos conhecimento do documento com alegria.

Numa matéria sobre o assunto, a revista PHARMACIA BRASILEIRA, nesta edição, ouve os presidentes dos Conselhos Federais de Enfermagem, Carmem de Almeida da Silva, e de Medicina, Edson Andrade, que saúdam a chegada do farmacêutico ao PSF como um "parceiro importante" dos outros profissionais. A Dra. Carmem diz que a presença do farmacêutico "vai melhorar a assistência, pois evitará a medicação errônea". Já o Dr. Edson afirma que "o farmacêutico é uma figura indispensável à atenção à saúde".

No PSF, o farmacêutico irá assumir trabalhos que, devido à sua ausência no Programa, são realizados por médicos e enfermeiros, como o acompanhamento dos doentes crônicos à luz da atenção farmacêutica. Ao fazer o acompanhamento, o farmacêutico atuará, seguindo um protocolo que define as funções de cada profissional na atenção ao paciente crônico (hipertenso e diabético).

Desta forma, um grupo de pacientes passará a ficar sob a responsabilidade do farmacêutico, no que diz respeito ao uso do medicamento e também às mudanças em seus hábitos de vida. Os resultados dessas ações serão a melhoria de sua qualidade de vida e a diminuição das intercorrências e internamentos hospitalares.

As ações farmacêuticas causarão um impacto importante no PSF e, de resto, no SUS, vez que elas se estenderão à atenção básica como um todo. O impacto será observado, entre outros momentos, na gritante redução do número de consultas médicas e no uso de medicamentos.

Para se ter uma idéia, em um posto do PSF, um único farmacêuti-

co irá acompanhar cerca de 500 pacientes, ao mês. Estudos que desenvolvemos revelam que esse profissional será responsável pela redução de 300 consultas/mês, convertendo-se numa economia de mil reais, em valores de consultas pagas pelo SUS, hoje. A energia canalizada para essas 300 consultas poderá ser destinada a outros pacientes. Enfim, o farmacêutico irá otimizar os serviços médicos.

E se valesse o argumento de alguns, de que o farmacêutico "geraria custos ao PSF", eu aproveitaria para contra-argumentar que a economia produzida por ele, em um mês, seria o suficiente para pagar o seu próprio salário, com muita folga, e parte do salário de um colega. Mas este aspecto não deve ser parâmetro em saúde.

Valem, isso sim, os benefícios que o profissional será capaz de conceber para o paciente e para o sistema público de saúde, sem contar os proveitos agregados ao resultado das ações dos seus "parceiros" de equipe. Quão proveitosa, por exemplo, será a consulta, quando o farmacêutico orientar o paciente sobre o medicamento, aumentando a sua adesão ao tratamento e a sua resposta terapêutica ao produto.

Já no SUS, como um todo, o farmacêutico vai atuar em todo o ciclo do medicamento (seleção, aquisição, armazenamento, distribuição e dispensação). Só, aqui, os serviços profissionais conseguirão provocar uma redução de custos de medicamentos, melhorar a qualidade dos produtos e a adesão e acesso ao tratamento. A Portaria número 4 veio, enfim, mostrar que não paira mais dúvidas dentro do Ministério da Saúde sobre a importância do farmacêutico na atenção básica.

Contatos com o Dr. Jaldo de Souza Santos podem ser feitos pelo endereço eletrônico presidencia@cff.org.br